



Resenha:

## A oralidade no ensino de línguas estrangeiras

*Rodrigo de Andrade Sá Santos*

Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM, Brasil

*Acir Mário Karwoski*

Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM, Brasil

PINHO José Ricardo Dordron de. **A oralidade no ensino de línguas estrangeiras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2022. 176 p.

O livro do professor José Ricardo Dordron de Pinho intitula-se “*A Oralidade no ensino de línguas estrangeiras*” e apresenta considerações interessantes bem como alternativas diante da carência existente no campo da oralidade em sala de aula no ensino de línguas, especialmente o ensino de línguas estrangeiras, trazendo possibilidades de trabalho que podem aprimorar a competência comunicativa dos alunos.

A obra faz parte da coleção Estratégias de Ensino da Parábola Editorial, que se configura como uma editora que tem se dedicado na publicação de livros que se integram em diversas áreas do conhecimento como Letras, Educação e áreas afins. José Ricardo Dordron de Pinho é doutor em Língua Espanhola pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professor de Língua Espanhola do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro.

Na Apresentação, o autor expressa as razões e circunstâncias para a produção do livro, além de exibir um pequeno resumo de cada capítulo a ser explorado pelos autores. José de Pinho aponta-nos uma interessante meta: “pretendemos contribuir para que os professores tenham mais embasamento teórico na área de habilidades orais e de pronúncia para proporcionar, de maneira mais efetiva, um desenvolvimento da competência comunicativa oral seus estudantes, além de apresentarmos diversas propostas de atividades práticas, que podem ser aplicadas tal como estão aqui ou ser adaptadas, servindo como ponto de partida para uma reflexão adequada a cada realidade escolar” (p. 7). A fala de José de Pinho mostra a importância

que um bom repertório didático oferece às práticas dos professores e contribui para a fluidez de suas aulas, bem como as estratégias aplicadas ao ter como base o contexto de cada turma nas escolas para maior eficácia de suas dinâmicas.

O primeiro capítulo, redigido por Ana Paula Tavares de Moraes Silva Cypriano, intitula-se “*Documentos oficiais e oralidade em língua adicional no ensino básico*” e posiciona o leitor sobre as informações contidas nos documentos oficiais que oferecem orientações para o ensino de língua adicional na educação básica brasileira, a fim de situá-lo. A seguir, ainda no primeiro capítulo, o aspecto da oralidade na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os eventuais desafios enfrentados para sua efetivação. A autora discorre acerca das propostas em nível federal para a docência de línguas estrangeiras relevando, ainda, as propostas presentes tanto nos PCNs do Ensino Fundamental quanto nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (DCNEM). Posteriormente, a autora discute, neste capítulo, aspectos importantes de ensino e aprendizagem, como o ensino exclusivo de apenas uma língua estrangeira, a formação docente no cenário atual, o uso de recursos tecnológicos, o número de alunos em sala e a baixa quantidade de aulas durante a semana. Apresenta quadros da BNCC acerca das diretrizes que tratam do eixo da oralidade com as respectivas unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades a serem exploradas, além de tecer comentários que analisam o material presente no programa de ensino do Governo Federal, ao averiguar sua funcionalidade diante da realidade escolar. Ana Paula Cypriano conclui o capítulo com uma observação propositiva: “Ademais, há os possíveis desafios a serem enfrentados por professores e alunos na busca do desenvolvimento da oralidade nas aulas de língua inglesa do ensino fundamental e médio. Nesse cenário o uso das novas tecnologias por docentes e discentes – em sala de aula e fora dela – pode oferecer soluções práticas, criativas e que promovam o desenvolvimento da oralidade” (p.26).

A análise crítica do capítulo revela alguns desafios enfrentados pelos professores e alunos na busca pelo desenvolvimento da oralidade. Questões como a formação docente, o número de alunos em sala de aula e a baixa quantidade de aulas durante a semana podem impactar negativamente o processo de ensino-aprendizagem. Esses obstáculos podem prejudicar a disponibilidade de tempo e recursos necessários para a prática efetiva da oralidade. Nesse sentido, a menção de Ana Paula Cypriano sobre o uso das novas tecnologias como uma solução prática e criativa é pertinente. A integração de recursos tecnológicos pode oferecer oportunidades adicionais para a exposição e prática da língua-alvo, ampliando as possibilidades de interação oral, mesmo fora do ambiente escolar. No entanto, é importante garantir que essas ferramentas sejam utilizadas de forma pedagogicamente adequada e alinhadas aos objetivos educacionais.

O capítulo seguinte, escrito por Natalia dos Santos Figueiredo e Priscila Cristina Ferreira de Sá, intitula-se “*A expressão oral e a diversidade linguística*” e apresenta interessantes considerações sobre a expressão oral no ensino de línguas estrangeiras, aliadas a fatores como a expressividade e a variedade linguística. As autoras tomam como base uma investigação que trata do uso da expressividade no aprendizado de uma nova língua estrangeira. Elas sugerem segmentos didáticos de atividades para a sala de aula, contemplando propostas metodológicas cujas etapas abarcam a apresentação de resultados de pesquisas do eixo da oralidade produzidas por docentes, o exercício de percepção das variedades na fala dos alunos e as práticas de produções orais dos alunos voltadas para finalidades específicas que se adequam à necessidade de cada um deles. Por fim, vale salientar o enfoque dado à necessidade de relevar as informações prosódicas em consonância com elementos pragmáticos ao lidar com enunciados conforme exemplificado no trecho: “A indiretividade atua no nível da estrutura do enunciado, afeta o ato de fala quanto às unidades mínimas a partir das quais ele se realiza. A tentativa de atenuação é mais flexível que a indiretividade, pode aparecer no centro do ato ou nos seus elementos periféricos, podendo modificar o pedido interna ou externamente pela adição de elementos mitigadores ou pela modificação interna do enunciado, pela gradação ou pelo tipo de escolhas linguísticas ao codificar o ato de fala [...]” (p.38). É importante ressaltar o enfoque dado à relevância das informações prosódicas e dos elementos pragmáticos na compreensão dos enunciados. A atenuação e a indiretividade são destacadas como elementos flexíveis que podem modificar a estrutura e as escolhas linguísticas do ato de fala, tanto internamente quanto externamente. Esse capítulo contribui de maneira significativa para o aprimoramento do ensino da expressão oral, promovendo a valorização da diversidade linguística e fornecendo estratégias metodológicas enriquecedoras para serem aplicadas em sala de aula.

No terceiro capítulo, redigido por Simone Batista da Silva e Lia Santos de Oliveira Martins, intitulado “*A avaliação das habilidades orais*”, as autoras discorrem sobre um ponto crucial do processo escolar: a avaliação, a partir do modo “ação-reflexão-ação”. Ao reexaminar o trabalho pedagógico, as autoras debatem sobre as várias aplicabilidades do assunto, ao destacar, ainda, aspectos ontológicos subjacentes ao espectro da avaliação, que abarcam consequentemente, uma avaliação do próprio trabalho do professor, além de proporcionar entendimento do desenvolvimento discente, principalmente no tocante às habilidades orais. A problematização do capítulo perpassa elementos de ordem pós-coloniais com relação às variedades linguísticas, visando valorizar a pluralidade e o uso multivocal da língua, sem ter de se ater, unicamente, ao mito do falante nativo, da pronúncia perfeita e sem sotaques (p. 60). Um

ponto de destaque é a problematização das questões pós-coloniais relacionadas às variedades linguísticas, visando valorizar a diversidade e o uso multivocal da língua, sem se restringir ao mito do falante nativo e à busca por uma pronúncia perfeita e livre de sotaques. Essa abordagem crítica contribui para uma visão mais ampla e inclusiva da avaliação das habilidades orais. O capítulo, portanto, oferece *insights* relevantes para repensar e aprimorar os processos de avaliação no ensino de línguas, considerando tanto a diversidade linguística quanto a reflexão sobre a prática docente.

O quarto capítulo se chama “*A pronúncia no ensino de línguas estrangeiras*”, de autoria de Victor Ramos da Silva. O autor faz observações referentes às abordagens relacionadas à questão da pronúncia ao longo do tempo, a partir de diferentes procedimentos, ao comentar também a respeito da conjuntura dos tempos atuais sob o prisma do pós-método. O autor salienta, ainda, que a relevância dada à pronúncia sofreu alterações a partir dos intuítos de ensino de língua estrangeira de cada época. Finalmente, ressalta-se o valor de uma forma de agir por parte do professor que possibilite a comunicação de um modo flexível perante aspectos da pronúncia do outro e que possibilite a compreensão, com o seguinte destaque: “uma fonética que busque a inteligibilidade e não mais o estabelecimento de padrões normativos rígidos” (p. 77)

O quinto capítulo “*O ensino explícito da pronúncia*”, de Ronaldo Lima Júnior, recupera múltiplas obras que revelam que um ensino explícito proporciona mudanças na evolução da pronúncia em caráter segmental ou relativo à prosódia. O autor explica que certas atividades corroboram para a transformação de atividades de conhecimento implícito para a natureza explícita, ressaltando, inclusive, resultados mais eficazes a partir da modalidade explícita. O autor salienta, ainda, que o estudante que adquire uma maior noção relativa ao caráter fonético-fonológico pode alcançar progressos concernentes aos seus níveis de inteligibilidade e compreensibilidade para fins comunicativos, oferecendo, assim, desenvolvimentos no campo da oralidade de um indivíduo, ao destacar o aspecto de que “a instrução explícita tem muitos efeitos positivos no desenvolvimento da pronúncia do aprendiz de L2” (p. 90). Ao adquirir um maior conhecimento fonético-fonológico, os estudantes podem progredir em termos de inteligibilidade e compreensibilidade em situações comunicativas. Esse enfoque explícito na instrução pronunciativa traz efeitos positivos no desenvolvimento da pronúncia do aprendiz de segunda língua (L2). O capítulo destaca a importância de uma instrução sistemática e direcionada para aprimorar a oralidade do aluno.

O sexto capítulo “*Análise do tratamento da pronúncia em materiais didáticos*”, de Carine Haupt e Neliane Raquel Macedo Aquino, exhibe diversas atividades de pronúncia em livros didáticos de várias línguas estrangeiras, examinando-as com base em uma abordagem

que concebe a complexidade do tópico e sua relevância no campo fonético-fonológico. As autoras explicitam o conceito de língua incorporada pelas coleções e disponibilizam informações aos professores para que possam averiguar os materiais e ajustar cada atividade de acordo com o cenário de ensino em que atuam. Uma constatação feita é a de que as atividades que trabalham a pronúncia nessas coleções, de um modo geral, organizam-se em seções marcadas e engessadas no tocante às dinâmicas de audição e repetição. Outro destaque importante ficou por conta da observação que, de maneira explícita ou implícita as coleções que obtiveram sua edição no Brasil apreciam em sua abordagem a língua materna. Finalmente, destacamos que as autoras percebem uma amplitude de estratégias para se consolidar um bom ensino a partir do que se segue no fragmento: “A língua é um fenômeno complexo e dinâmico, localizado, histórico, político e ideológico. Na aprendizagem de línguas, muitos caminhos podem ser tomados” (p. 112). Elas reconhecem que a língua é um fenômeno dinâmico, localizado historicamente e influenciado por questões políticas e ideológicas. Nesse sentido, a aprendizagem de línguas oferece diversas possibilidades e caminhos a serem explorados.

O capítulo proporciona uma visão crítica sobre o tratamento da pronúncia nos materiais didáticos, identificando limitações e sugestões para melhorias. Ao destacar a importância de considerar a língua materna e abordar a pronúncia de forma mais dinâmica, o texto incentiva os professores a avaliarem e adaptarem as atividades de pronúncia com base nas necessidades dos alunos e no contexto de ensino. As contribuições desse capítulo são relevantes para a reflexão e o aprimoramento do ensino da pronúncia em sala de aula.

O sétimo capítulo “*A pronúncia e a oralidade nas aulas de língua inglesa*”, de Ana Paula Tavares de Moraes Silva Cypriano, expõe uma gama de atividades executadas em uma escola pública de ensino fundamental na capital fluminense. As práticas possuem caráter de uma dinâmica que engloba as habilidades orais e de pronúncia, em âmbito segmental e também suprasegmental. A autora ressalta fatores que alicerçam as escolhas feitas ou que colaboram para entendê-las, como, a variedade a ser utilizada pelo professor e potenciais intromissões da língua materna. Importantes considerações foram feitas pela autora a respeito de uma prática que incorpore exercícios que trabalham a questão da oralidade. Tais observações foram registradas ao final do capítulo como percebemos no trecho seguinte: “O presente trabalho demonstra, sem intenção prescritiva, que, com a ajuda das novas tecnologias e a realização de atividades como drills, música marcação do stress, por exemplo, há a possibilidade de focar na pronúncia e na oralidade” (p. 134). Ao reconhecer a relevância das novas tecnologias e de abordagens dinâmicas, o texto estimula os professores a explorarem recursos criativos e a considerarem a diversidade linguística presente na sala de aula. A ênfase na oralidade como

parte essencial do aprendizado da língua inglesa contribui para um ensino mais eficaz e comunicativo.

O penúltimo capítulo “*Entoação: atividades didático-metodológicas para a educação básica*”, escrito por Maristela da Silva Pinto, Leticia Rebollo Couto e Carolina Gomes da Silva, revela atividades direcionadas ao aprimoramento de padrões de entoação em espanhol, atividades que podem também ser trabalhadas com outras línguas estrangeiras. A partir da diferenciação entre fonemática e prosódia, as autoras suscitam concepções relacionadas à entoação, exibindo ainda suas funcionalidades de caráter linguístico e expositivo. Sobre a natureza da entoação, as autoras ainda ressaltam que: “uma vez que a entoação diferencia modalidades, estamos diante de um dos mais importantes aspectos prosódicos da expressão afetiva do discurso, que varia de área dialetal para área dialetal e, por conta disso, quando não produzida com o padrão esperado pelo interlocutor, pode gerar problemas na comunicação e, conseqüentemente, na inteligibilidade” (p. 144). O capítulo oferece atividades didáticas que visam desenvolver a entoação de forma consciente e estruturada, permitindo aos estudantes aprimorar sua habilidade de expressar emoções e intenções por meio da entoação. Essas atividades são especialmente relevantes no contexto da educação básica, onde os alunos estão construindo as bases para o aprendizado de uma nova língua. Ao explorar a entoação como um aspecto crucial da comunicação verbal, o capítulo destaca a importância de considerar não apenas os aspectos fonéticos, mas também os elementos prosódicos para uma comunicação eficaz.

O último capítulo “*Exercícios práticos de pronúncia*”, escrito por José Ricardo Dordron de Pinho, Beatriz Gama Rodrigues e Glauce Gomes de Oliveira Cabral, exhibe um conjunto de exercícios destinados ao aprimoramento da pronúncia em língua estrangeira, no campo segmental e também prosódico. O leitor também acompanha nesse capítulo uma discussão acerca de vários fatores relacionados à função da pronúncia na interlocução oral, além de uma reflexão que visa focalizar sobre quando, por que e em qual sequência ela deve ser trabalhada. Verifica-se, também, no âmbito da prática de uma língua estrangeira, a relevância em se ouvir para posteriormente reproduzir. Assim, destaca-se uma forma de se trabalhar que está atenta quanto ao foco e à forma. Por fim, com relação às formas de se trabalhar com os alunos em língua estrangeira os autores observam que: “[...] O grande objetivo das aulas de pronúncia é capacitar o aluno a usar a competência fônica da L2 de uma forma eficiente em situações reais de comunicação” (p. 156). Cabe ressaltar a importância de considerar a pronúncia como uma dimensão cultural e socialmente construída da linguagem ao enfatizar que a pronúncia não deve ser apenas vista como a reprodução de sons corretos, mas como um elemento que carrega significados e identidades culturais.

A obra destina-se a professores da Educação Básica, servindo também para pesquisadores das áreas de linguagem e educação. Sem dúvida é uma obra que pode fornecer importante ajuda a vários professores que buscam novas perspectivas didáticas.

Certamente, a partir da obra, poderemos abrir campo para salutares discussões sobre novas propostas e abordagens que visam a um aprendizado com mais participação por parte dos alunos, uma vez que os professores poderão refletir a partir das falas e dos conceitos relatados pelos autores da obra, sobre como aprimorar o eixo da oralidade em sala de aula trazendo seus alunos para o campo da fala e não somente da leitura, escrita e audição.

## **SOBRE OS AUTORES**

*Rodrigo de Andrade Sá Santos* é doutorando pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM, pelo Programa de Pós Graduação em Educação - PPGE, mestre pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU na área de Estudos Linguísticos. Possui Especialização em Língua Inglesa - Área de Conhecimento Linguística, Letras e Artes. Graduação em Letras - Faculdades Associadas de Uberaba (2009). Atualmente é professor do Instituto Cultural Brasil Estados Unidos, professor efetivo de Língua Inglesa na Escola Estadual Frei Leopoldo de Castelnuovo e professor Substituto de Língua Inglesa na Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM.

Email: [rodrigo.santos@uftm.edu.br](mailto:rodrigo.santos@uftm.edu.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4909-7179>

*Acir Mário Karwoski* é doutor em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com Pós-Doutorado em Educação pela Universidade da Califórnia Santa Bárbara (UCSB). É docente permanente do Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Coordena o grupo de pesquisa GPELLP - Educação, Linguagens e língua portuguesa, certificado pelo CNPq/UFTM.

Email: [acir.karwoski@uftm.edu.br](mailto:acir.karwoski@uftm.edu.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6548-4243>

*Recebido em 17 de novembro de 2022*

*Aprovado em 30 de junho de 2023*

*Publicado em 19 de dezembro de 2023*